

100

O RELATO DE ISMERINA
(Fragmentos de uma viagem à Paraíba)

Aurora Fornoni Bernardini

RESUMO: Durante um Congresso de Literatura, uma professora da USP visita o estado da Paraíba, como conferencista. É período de eleições, num Brasil pré-"abertura" política. Como atividade paralela, passa a acompanhar uma conhecida advogada local, que estava realizando "sozinha" a reforma agrária no Nordeste e pleiteava agora uma vaga na Câmara de Vereadores. É apresentada a vários amigos e simpatizantes da advogada, alguns dos quais residiam em sua própria casa, como a velha Ismerina, pessoa sofrida como todos ali, porém sempre disposta a uma conversa e com uma boa estória para contar na ponta da língua. A professora decide registrar o seu depoimento, impressionada que está com o seu valor poético (Ismerina é uma excelente contadora-de-estórias) e com o seu significado humano.

O relato se prende a uma viagem que fiz à Paraíba, estado do Nordeste do Brasil, em fins de 1982, a convite de uma entidade que patrocinava um Congresso em Literatura. Havia lido a *Descrição Geral da Capitania da Paraíba*, de Elias Herckmans, traduzida por José Higino, e o livro de Orlando Tejo sobre *Zé Limeira, o poeta do absurdo*, e tinha muito interesse em conciliar as atividades do Congresso com o conhecimento da realidade circunstante. Comentei com conhecidos sobre a viagem iminente e um deles me falou muito de uma advogada de Campina Grande, "mulher aguerrida e lutadora, que está tentando realizar a reforma agrária sozinha. Esta mulher é conhecida até em Cuba. Roberto Retamar a considera um de nossos heróis nacionais. Consegui que um grande número de famílias de lavradores que moram há mais de trinta anos no campo, perto da cidade, tivessem legalmente assegurada a posse das terras que ocupavam e isso, pode-se imaginar a que preço: numa luta acirrada e interminável contra os proprietários locais e os políticos a seu serviço. O nome dela é Tereza".

Chegando ao hotel de Campina Grande, comi espiga de milho assada num braseiro da rua principal e fui ao salão do Congresso. Faixas multicores, barracas de produtos típicos na porta e um público apinhado de estudantes do secundário, preparados, assinando boletins de presença para que a nenhuma das sessões fal-

tassem ouvintes. Alguns coronéis aposentados constando do programa como "Conselheiros" da comissão organizadora. Olheiros, melhor seria, pois a "abertura" ainda não era cogitada e, no norte, as organizações oficiais funcionavam como a administração dos tártaros: "olhos e ouvidos do rei". Muito que bem. Assisti à primeira sessão e retirei-me. Nada mais, nada menos do que era esperado. De volta ao hotel, telefonci para Tereza. Disse a que vinha e que gostaria de passar 24 horas com ela, "um dia na vida de Ivan Denisovitch", brinquei. Acompanhá-la em todas suas tarefas, viver em sua casa, sair para a sua luta, sem consideração para com minha origem paulista, minha diferença. "Ela parece, mas não é não" ouvi Tereza dizer a um companheiro – que estranhava meus traços europeus. Sou grata a Tereza por ter-me aceito assim: loira, lavada, estrangeira. Este é o aspecto nacional que tudo redime e que tudo põe em risco. Aceitam a todos, indiscriminadamente, conquanto venham com uma flor na mão.

A flor, no caso de Tereza, só poderia ser a correntinha do padre Cícero, ou do Padre Ibiapina, ou de outro padre Zé qualquer, beatificado pelos ansios da população desvalida. Jamais, como ele pensava na época da Faculdade de Direito, a foice, a peixeira, o forçado.

A primeira coisa que Tereza entendeu, quando voltou à Paraíba como advogada militante, após a perseguição de uma década no Rio, era que tinha que pregar as reformas de base ao lado dos bispos nordestinos que, curiosamente, eram a parte militante da igreja, contrariando os desígnios da corte pontifícia.

"Ninguém faz pesquisa no Brasil", disse-me Monsenhor Luiz, que visitei ao lado de Tereza, logo de manhã cedo, possuidor da melhor biblioteca do Nordeste. "Para percorrer os caminhos de Padre Cícero, temos de esperar o ensaio de brasilianistas como Ralph della Cava, ou saber de Lampião pelo "The Bendit King", de Billy Chandler.

"Quem se importa em refazer os passos de Ibiapina? Quem deixa o gabinete e as bibliografias compiladas escavando arquivos e fazendo pseudo-pesquisas em cartórios, para vir até aqui estudar os índios desmemoriados, os jítós?"

Monsenhor Luiz fala um português castiço, com grande esmero. "A senhora é crítica?" – pergunta-me com um interesse deferente, não isento de piedade.

"Em nossa meditada opinião a crítica entrou numa espécie de colapso. Rendeu-se aos valores da consciência literária sem maiores repensamentos. Com isso perdeu-se, sociologicamente."

Como assim, Monsenhor? Há tantos críticos hoje que são também jornalistas, intérpretes engajados de nossa época... "A literatura não tem poder de gerar novas formas ideológicas, ao menos no Brasil. Ela tem que correr, para mal alcançar alguns reflexos de nossa realidade: a realidade das elites. E digo mais: o próprio escritor hoje escreve apenas o seu próprio mito". Mas Monsenhor, não pode haver coincidência entre o mito do escritor e o mito do povo?

"Mito do povo? – Monsenhor sacode a cabeça, como a dizer, a César o que é de César". Se há uma obra cultural, do tempo do ronca, como dizemos nós

aqui, que deve ser salva, antes que se percam os últimos resquícios, é justamente a do padre Ibiapina. Como fez Ataliba Nogueira com a de Antônio Conselheiro. Eu não posso dá-lo à senhora por que se foi pelas mãos de um amigo e ainda não voltou. Ele desencavou sermões do Conselheiro preparando a festa de Nossa Senhora das Dores, dos quais se depreende que ele não é aquele idiota fanático de quem fala Euclides. Ele faz sermões recheados de expressões bíblicas para reforçar sua experiência dolorida: seu tema é de âmbito nacional, como o de Ibiapina. Sabe, o missionário do Nordeste cearense, que firmou-se aqui, na Paraíba. Ele peregrinava por este Nordeste inteiro abrindo igrejas e cemitérios. Ele tem rastros em todas as regiões do Nordeste. É preciso ir lá e verificar a história. Como fez um alemão, Umhard, não lembro bem o nome, que conseguiu dois livros de crônicas sobre Ibiapina e, em 83, vai ser o centenário dele.

"E os índios Jitós – retoma Tereza, vendo que o velho padre se perde no enredo de suas recordações, querendo me obsequiar com algo de muito insólito – são uma tribo desmemoriada. Só se pode subir lá onde eles estão, em tempo de seca. São mais de cem metros quadrados escavados dentro da terra. É lá que se encontram as covas de caboclos. Mas é preciso ir com quem conhece o local. Por causa das cobras que vivem nas covas, junto às cerâmicas. Há um episódio como o da Inês de Castro: mandaram matar a todos, há uns vinte anos. Sobrou apenas uma família, e agora uma única índia desmemoriada, que conta coisas estranhas sobre as inscrições rupestres que têm lá. Você falará com Ismerina, que ainda lembra de alguma coisa". Nossa visita matinal ao Monsenhor finda-se abruptamente. Entram Domitila e Moema, que têm que falar com Monsenhor sobre a situação dos índios bolivianos. Ficamos de voltar à noite, para a fala ao público. "Vamos, diz-me Tereza, vamos até em casa".

Saio do gabinete imemorial de Monsenhor Luiz com um eco deste apelo à história. Alguém que relate os mitos deste povo, seu clamor, sua esperança, antes que o tempo os arrase e banalize nos anúncios anônimos da TV Globo – como no filme *Bye Bye Brasil*, diz-me Tereza, atenta.

Campina Grande está em época de eleições municipais. Tereza é candidata a vereadora pelo PMDB. Aqui, diz-me ela, a diferença com o PDS é mínima. "Quem manda são os donos da terra e quem tem dinheiro, de um lado ou de outro. A casa que eu tenho é grande. Consegui-a como parte do pagamento por um processo de herança de uma minha cliente muito rica, dona Idalina, a madrinha de minha filha; você vai conhecê-la. Fiz uma reforma agrária lá dentro. "Passamos pela casa de dona Idalina. É grande, mais de doze cômodos. Há bordados pelas mesas todas e o culto da culinária." É aqui que preparamos os banquetes políticos – diz Tereza apresentando-me à devotada senhora –, sábado vamos fazer um com um cabrito que mataram lá em casa. Pena você não estar aqui. No quintal, criam perus e cevam-nos com aguardente, pois a carne fica macia. "Nas paredes há estampas de beatos com a lamparina acesa. As colchas de crochê cobrem as quatro camas de seus quartos. "Só às vezes a Isildinha dorme aqui. Minha última filha, a

quem dona Idalina nomeou sua herdeira". Isildinha tem uma bala na cabeça, consequência de um tiroteio com a "mão branca", o correspondente ao "esquadrão da morte", de São Paulo. Mão branca está a mando dos donos da terra que querem impedir o trabalho legal que Tereza desenvolve no campo. É muito simples, explica-me Tereza. "Comecei com uma poucas famílias, na Lagoa Nova, residindo há mais de trinta anos no campo. Consegui que elas tivessem o direito legal de posse dessas terras, das quais tiram seu sustento, sua sobrevivência. Agora são mais de novecentas famílias, mas não pense você que é coisa estabelecida. Vivo recebendo ameaças, minha vida é imprevisível. Eles é que devem se conscientizar de seus direitos, para saberem defendê-los, mesmo quando eu não estiver". Saímos da casa de Idalina e passamos pelo mercado. Homens param e abraçam Tereza na rua. "É a nossa candidata" dizem eles, olhando para mim como se fosse enviada de algum jornal estrangeiro. "Mais, é a mãe da gente".

Olho comovida para Tereza que tem a minha idade. Seu rosto é curtido pela aspereza do tempo que passou, parece não registrar os anos.

"Manoel Bonito também é candidato a vereador", diz-me Tereza. "O mal dele é que ele é louco por dinheiro. A cunhada ficou viúva é ele cobra juros da cunhada. Coisa feia, vai largar disso, não é Manoel?". Ele sorri. "Conte para a nossa amiga como foi a história da invasão". Tereza é solícita. Ela quer muito que as coisas sejam conhecidas. Jornalistas alemães já estiveram ali, rodaram um filme e ficaram de mandar cópias. Mas ninguém nunca mais soube de nada. "Foi assim. Nós tínhamos a nossa plantação há muitos e muitos anos. Certo dia o administrador mandou colocar estacas para nós não entrarmos. Fomos à doutora Tereza e ela disse, não pode não. Reclamamos, o delegado intimou a três. Fui com trezentos. Se plantarem estacas, dissemos, é só a gente arrancar e queimar. Aí o delegado falou: 'Agora vocês vão para João Pessoa' Ninguém foi. Voltamos cada um para sua casa. O Teixeira disse: se vierem me caçar, tem a peixeira aqui, pronta".

Saímos do mercado. Um verdadeiro cenário, para os olhos leigos de um estranho. Potes de barro, sacos de farinha, raízes tuberosas. E as bancas do cordel. Tereza faz questão de me comprar o folheto de São Saruê, uma espécie de terra prometida do Nordeste.

Última etapa antes de chegar a casa de Tereza: uma rápida parada pelo Fórum para saber de uma audiência com o juiz. Tereza é recebida com abraços. É afetiva e comunicativa. "Eu não cobro dos pobres", diz-me ela. " Não sou como a Fafá. Você viu que bonita que ela é? Ela cobra de todos. Mas o marido tem ciúmes dela. Costuma até bater-lhe. Coisa feia, não é? De fato Fafá é bonita, devotada, formosa, cheia de braçaletes.

"A mulher do Nordeste é mesmo assim: nem os estudos conseguem emancipá-la do machismo".

Chegamos à residência de Tereza. Uma antiga casa de fazenda recomposta, circundada por lotes de terreno, todos cultivados. Entramos. Uma multidão de

pessoas que vão e vêm. Entram na cozinha depositando coisas, saem carregando outras. Descansam um pouquinho no banco de madeira da sala, para dar uma olhada na campanha política, na televisão. São as famílias que moram nos lotes da casa de Tereza. Sem contar os afilhados, os amigos, os empregados. A mais velha entre eles é Ismerina. Conhece coisas que os outros nunca ouviram."Ismerina, venha conhecer a professora. Ela gostaria de ouvir você falar". De fato, comentei com Tereza, a fala de Ismerina é admiravelmente poética. Ismerina, rosto sério e suave, ainda esbelta em sua roupa de renda e de florzinhas, senta e conta.

RELATO DE ISMERINA

Meu nome é Ismerina Maria da Conceição, de Lagoa Nova. Nasci e me batizei lá. Meu esposo é filho natural de Bananeiras. Ouvia papai falar em sertão. Ele dizia: Minha filha, é um lugar tão bom, tão grande, mas por outra parte é um lugar que tem muita pedra. – Pai, eu queria ir lá nem que fosse a passeio – dizia eu.

Certo dia, errando foi em março de 1937, quando o campo onde estávamos aboletados já não dava mais para nos dar o próprio bocado. "Vamos para o sertão", meu avô disse. Não sei quantos anos o papai tinha. "Eu não estou ouvindo nem estou vendo, Jesus conta", ele falou.

A gente achando por aí por fora, pode ir. E assim fomos, para a fronteira do Rio Grande e Paraíba. "No Loredo tem um povo que está catando algodão." Para lá fomos, esse tal do Loredo, morador do pai dessa, que está aí. Eu fui crescendo até que um dia teve a festa. "Eu vou lá olhar, "disse meu futuro esposo". Tem uma velha e uma nova. Eu vou olhar para essa brejeira, se for bonita vou ter uma paquera."

Gente alva eu tenho abuso, com quem eu não queria, não chegou. Com quem eu queria, chegou e eu abracei.

Pergunta à minha mãe e ela te diga quem eu era.

Aí, ele ficou por ali e eu fiquei olhando. E ele foi jogar uma sueca. A gente de longe joga melhor do que de perto. Ele olhava para o sol, tinha isto de intimidade na casa. E a minha velha que se gastou a vida, doze filhos, foi e botou mais esse prato de leite.

Ele era bom para mim, eu não fiz e não vou me acondenar, mas ficávamos os dois apertadinhos.

Ele chegou na cor desta toalha e eu estava fazendo roda para se pôr. Neste tempo ele era bom de saúde (chora). Depois ficou inválido das pernas.

Como de fato de maio para o fim fui eu que sustentei.

"Você quer casar comigo?" Dona Vera... eu fiquei branca. Se você tem dito... Aí eu fui com toda vergonha. Eu disse sim!

Também eu nunca dei trabalho a ninguém. Quando era nove horas já tinha arrumado tudo em casa e até ia ajudar o Chico Nicol, farmacêutico. Tinha um en-

xovalzinho de meu. Quando foi na hora da igreja a igreja era assim. Era só atravessar a avenida e a gente já estava na igreja. Casamos, tivemos filhos, os anos passaram.

Na secona de 58 eu não tinha fé de escapar.

Foi essa aí que me deu de comer (aponta para onde está Tereza).

A seca era forte, o gado morria. Não tinha um homem capaz de tirar o couro e a carne. Porque os flagelados não saqueiam as propriedades.

Eles tem grande respeito à propriedade privada. Se na beira da estrada há uma vaca que morreu de fome eles não comem não. Vão saquear a cidade mas não invadem a propriedade. O sistema deles preconceituoso não deixa.

O gado morria assim. A gente também.

Foi naquele tempo que ele foi se operar. Tempo ruim. Duas filhas tivemos, duas se perderam com a vida. Mulher não pode precisar.

Um dia vem outro rapaz de Boa Vista: "O povo está bravo lá na caatinga." Jerimu – digo pro meu velho –, eu quero a goiaba para fazer doce. Eu tenho sofrido mais que a jumenta da Coleira. Vamos mudar pro Cariri. "O senhor tem sítio lá?" "Tenho propriedade lá". Vamos pra lá, meu velho. E assim fomos. Morar no Cariri é bom.

Só que a tábua de pau pegou ele. Da firma que construiu a estrada de ferro. Pegou ele e ele morreu. Ele levantava a cabeça e depois baixava.

Quem não quer morrer nasce morto.

Sofrendo assim, quem não tem não deve nada.

Êta mundo velho.

Pois eu fiquei vivendo lá até que minha mãe morreu. Depois voltei para Natal, no Rio Grande do Norte, na casa da vó de Tereza. Família grande, com muito filho para trabalhar.

Ximarria – o tempo num instante passa.

Foi no mês de abril, maio, junho que sua avó não tinha ainda esfalecido – ela esfaleceu na véspera do santo – foi quando dois bandidos foram lá, atrás de Tereza, em 1964. Tereza estava escondida, eles entraram. Arrombaram a porta e entraram.

"O comício da Maria Barbosa está uma apelação", foram dizendo eles. Em primeiro lugar está Nosso Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora, disse eu. "Onde está dona Tereza?", foram dizendo eles, me empurrando.

Eu disse que não sabia, mas Tereza tava escondida no caixão de defunto a caminho do Rio de Janeiro, que a coisa aqui no norte estava mais brava ainda.

Eu tinha passado a noite todinha no quarto da avó dela. Fazendo quarto ao cadáver.

De tardezinha vieram uns caçadores de rua para caçar ela. Aí esses caçadores se arrancharam em baixo do pé de oiticica. Frente com frente ficou assim: casa com casa.

Anoiteceu. Jantamos. Enquanto a comida assentava eu estava vendo eles, arranchados.

Eu tava dormindo um sono tão bom. Meu sono, por pesado que ele seja, ele é maneiro.

Eu senti tá-tá-tá, lá pros lados da porta.

Aí, com um pouco mais, de novo. Despertei-me mesmo.

Eu ouvi um resmungo do João. Eu disse "João". Ele disse "o que é?"

Eu digo: "João, aí no terreiro tem gente." Eles bateram na porta. "Quem diabo bate na minha porta?" Essa minha tia levantou-se e acendeu a luz. Abriu a porta da frente. Quando eles vieram pedir licença já estava na porta do meio e os soldados ficaram fora.

Pediram licença e um foi para o quarto. Dos dois meninos meus e do João. Um foi no quarto e focou. Minha casa é dividida por duas, sendo uma. Corrigiram a casa todinha, focaram tudo, não sobrou canto.

"Mulé" – me deu um secume na minha boca – "Sabe me dar notícia. Dona Tereza Braga é comunista." Mas ela já tinha sumido lá do sítio.

Se vocês dissessem onde ela estava, eles davam não sei o quê.

É bom que eu fiquei tão assim, que eu, é bom que tava só de combinação.

Criatura, quando olhei para mim e vi que estava só de combinação, minha boca secou que ficou como língua de papagaio. E eles olhando: e pinicava o olho um pro outro. Eu fiquei tão alheia, tão sem ar, quando fui pegar o urinol pra jogar pela janela.

Ele falou: "Não, não senhora" E ele era tão alvo que as mãos dele eram brancas.

"Eles vão falar coisas pra você", cochichou-me o João. "Mas você não se teima. Esses garotos, você sabe que estão debaixo de ordem."

"Você e seu marido vão para Fernando de Noronha."

"Não é longe não – disse eu – são dois dias de viagem."

Os garapés estavam todos cheios d'água.

As muriçoca estava tudo mordendo.

Água, lama, muriçoca. Se pegassem a Tereza eles torravam ela.

"O senhor – disse eu – vai numa diligência. Se não achar nada, pronto. É que o senhor vai dizer"

Botaram que a Tereza tinha saído de Natal dentro do caixão.

"Vamos" – disse ele – "Vamos".

Té logo, vá desculpando. Pode dormir seu sono sossegada que nós não volta mais.

João disse "olha!"

Aí minha tia fez o fogo, fez o café e fomos para a nossa rede.

E a Tereza foi ter no Rio com a Berenice.

Uma era a mesma coisa da outra.

Nós estivemos apertados por causa deles?

Eu é que não ia dizer onde ela estava.

Houve um juramento, mas isso aí foi muita promessa pra essa criatura não ir presa. Quando ela fugiu saíram de noite num jipe, pela Várzea. Foram deixar

ela na casa de um fazendeiro que era até cangaceiro, dentro de uma sacada de ser-
ra, no estado do Ceará. Elas estavam como filhas desse homem.

Depois dona Iva foi me dando notícias delas lá no Estado do Rio, mais de
dez anos.

Até que um dia a cachorra chorou. Mas ela está com o bucho cheio, falei,
que será que ela tem. Fui ver. Era Tereza.

Tereza interrompe a história finda de Ismerina. É hora do almoço. Em sua
casa vão chegando marido, filhos, afilhados, companheiros de chapa. "A política
não é a Paraíba. Nós temos que ganhar metade deste país. Você tem que ter con-
vicção. Como é que é? Entra paera o P.P. por causa do Marins. Volta para o
PMDB por causa do Marins. Quem que você é, mulher de homens?"

"A coisa mais difícil do mundo é a gente ensinar".

"Tem que ter muita paciência".

O almoço está posto. Um feijão paraibano especial que dá em arbusto o
ano inteiro. Parte do bode do churrasco, tapioca e muita verdura.

"Plantamos tudo aqui no terreno da casa. Cada um tem um lote e vende o
que planta." Naturalmente, cada família que reside no terreno de Tereza tem uma
história sofrida em seu passado. Como o casal de idade que matou seus filhos e os
enterrou no pé de bananeira, "para que não crescessem escravos. A gente não sa-
bia que ia poder ter uma terra da gente." Os filhos de Tereza são crianças, são
santos como o pai deles, diz ela, mãe coruja. Mostra-me uma composição do me-
nino de oito anos.

Agora, diz o marido de Tereza, vamos para o campo. Já são quatro horas
da tarde e há uma brisa fresca que perpassa a natureza. O clima de Campina
Grande é privilegiado, informa-me o Tobias, afilhado de Tereza e motorista do
fusca que nos leva ao campo. Uma hora de estrada e chegamos.

A primeira casa é a do compadre de Tereza. Ele tem doze filhos peque-
nos, todos morando com ele. A casa é baixa, sem luz nem água. Expande-se
horizontalmente pelos cômodos de barro, como uma catacumba. Na cozinha, o
lugar central, ferve um panelão de feijão com quiabo. É tão delicioso, regado
a caninha, que dispensa a carne. O quiabo engrossa o caldo e dá-lhe consistên-
cia de uma gelatina. Na rede chora uma criança: está com dor de ouvido. Te-
reza faz-lhe um emplastro e orienta a mãe para que o reaqueça de hora em
hora. A criança pára de chorar. O grupo dos homens na cozinha agora aumen-
tou. Afluiram não se sabe de onde, não se ouviu nenhum som. A campanha
política os une como numa conspiração.

Após o segundo gole de cachaça, sorriem, sem constrangimento. Contam
casos curiosos, numa camaradagem viril, que nos inclui a ambas. É uma glória de
sensação. "Cumpadre Tomé, mostre onde está" – "É aquele das estacas", confi-
dencia-me Tereza. Imediatamente ele suspende a ponta da camisa e deixa entre-
ver a peixeira, do lado do bolso direito da calça. O dono da casa intervém, quase
sem dentes. Em sua observação risonha ressoa a palavra " caraio". Em volta da

casa, "o campo" é impressionante. Pés de salada de um metro de altura, batatas, milho, tapioca, feijão, todos crescendo na maior fartura. "É que a região é fértil", explica Tereza, quando visitamos, umas após outras, umas dez casas, em campanha.

Fala-se em candidatos, estratégias várias. "Se todos os posseiros da Lagoa Nova votarem em mim, já estou eleita". "Mas Tereza, como, se votarem? Eles não percebem o que você faz por eles? Conseguir que possuam o produto da terra que cultivam, que ninguém os roube, que ninguém os explore"? Tereza sacode a cabeça. "Isso aqui é Nordeste. Você não imagina o que é isto aqui. A força que esta gente tem para enganar os simples, para iludi-los com uma mentira e, depois, para desviar os votos. Isto aqui é Nordeste."

ABSTRACT: The work is about a trip I undertook to Campina Grande, a city of Paraíba, a state of North-East of Brazil, in 1982, and my meeting with Tereza, an extraordinary woman, responsible for the settlement of many miserable families in the prosperous region of Lagoa Nova. Her story was told me by Ismerina, an old placewoman of Tereza's family, no more alive.